Turismo sexual, prostituição e gênero: uma discussão teórica [1]

Tatiana Amaral Silva[2] (Bolsista Capes)

Universidade Estadual de Santa Cruz - UESC
Mestrado em Cultura e Turismo

Este estudo pretende realizar uma discussão teórica sobre turismo sexual, prostituição e gênero, destacando as conseqüências desta atividade e a sua relação com a prostituição e as questões de gênero. Para isso, conceitos e teorias referentes aos temas serão abordados neste estudo para um maior esclarecimento sobre influências desta atividade que vem crescendo no Brasil. A metodologia utilizada neste estudo é a bibliográfica.

Palavras-chave: Turismo sexual, prostituição e gênero

---

[1]Trabalho a ser apresentado no XII Seminário Nacional e III Seminário Internacional Mulher e Literatura do GT Mulher e Literatura da ANPOLL.

[2] Bacharel em Comunicação Social com habilitação em Rádio e TV pela Universidade Estadual de Santa Cruz, especialista em Marketing e Negócios pela Faculdade de Tecnologia e Ciências, mestranda em Cultura e Turismo da Universidade Estadual de Santa Cruz – Uesc. tatianaamaral1@yahoo.com.br.

Considerações iniciais

O turismo é um elemento importante para a vida social e econômica de um determinado local, por ser uma atividade socioeconômica que gera a produção de bens e serviços para o homem visando a satisfação de necessidades básicas e secundárias. Essa atividade reflete ainda os desejos dos turistas que pretendem conhecer e desfrutar novos lugares, culturas diferentes, além de descansar longe de suas residências e do trabalho. Mas a sua presença traz conseqüências como, o turismo sexual, as implicações de gênero, dentre outras. Uma dessas alterações é o envolvimento de um grande número de mulheres no comércio sexual.

A prática do turismo sexual está a cada dia mais visível nas sociedades contemporâneas, mesmo não sendo considerada como segmento da atividade turística, possui um mercado configurado em determinados países, e já é polêmica até em novela do horário nobre na Rede Globo de Televisão. Nos primeiros capítulos de Paraíso Tropical, o turismo sexual foi um dos temas de destaque, o que demonstra que a sua existência preocupa, de certa forma, a sociedade de um modo geral.

A presença desse turismo pode estar relacionada a problemas econômicos e sociais, ou ser conseqüência do desenvolvimento da atividade turística sem planejamento. Enfim, outras questões bem mais profundas são reflexos da existência do turismo sexual, por este motivo, não pode ser analisado de forma isolada da atividade turística.

O crescimento do turismo sexual traz como conseqüências o tráfico de mulheres e a exploração sexual infantil, que são crimes no Brasil. Este problema no nordeste tem preocupado vários estudiosos que já desenvolveram pesquisas sobre esse tema, principalmente nos estados de Fortaleza e Bahia, onde esta atividade é mais visível. Na política, cartilhas foram elaboradas, ações de políticas públicas também, e seminários são realizados para discutir o assunto, mas mesmo assim, o problema continua crescendo,

principalmente nos estados e cidades, onde o turismo é um setor de destaque. O desenvolvimento incontrolado de certas práticas turísticas pode ter efeitos sociais, como notadamente, as novas extensões do turismo sexual.

A Organização Mundial do Turismo define o turismo sexual como viagens organizadas internamente no setor turístico ou fora dele, mas que usa as estruturas e redes do setor com o objetivo primário para a efetivação da relação comercial sexual do turista com os residentes no destino. Determinando, assim, conseqüências sociais e culturais da atividade, especialmente quando exploram diferentes gêneros, idades, situações econômicas e sociais nas destinações visitadas.

O turismo nacional e internacional informalmente exerce influência na organização da prostituição feminina. No momento atual não é possível ocultar o fenômeno da prostituição e sua associação ao turismo, assim como sua dimensão espacial, pois essa atividade é um elemento da produção do espaço, concretizada pelos clientes/prostitutas e outros que são os agentes modeladores desse espaço. (CORIOLANO: 1998, p.146).

Apesar do esforço e dos visíveis avanços nos estudos sobre o tema, até o momento não existe um consenso em relação ao conceito de turismo sexual. É perceptível que sua ocorrência deve-se a fatores específicos, como falta de planejamento turístico, exclusão social, desemprego, falta de moradia, escolaridade, dentre outros. Esta forma de turismo, mesmo estando disseminada como prática cada vez mais visível nas sociedades contemporâneas, não é considerada um segmento da atividade turística.

1 – Turismo sexual e prostituição

O estudo sobre o turismo sexual teve início em Sri-Lanka, mas logo se estendeu para a Tailândia e Bali, na Indonésia. Existem várias definições para este tipo de turismo, que mesmo sendo disseminado como prática, é considerado como uma deformação da atividade. Sua existência reflete vários problemas de ordem econômica, social e política nas sociedades receptoras e emissoras de turismo.

Esta temática vem recebendo atenção de estudiosos de diferentes áreas de conhecimento nos últimos anos, e o que tem se discutido é como esta atividade se configura, buscando evidenciar quem são os agentes envolvidos, as características, os

problemas relacionados, além de meios de coibir a prática, na tentativa de buscar soluções para diminuir os reflexos negativos dessa atividade no âmbito do turismo e da sociedade.

Sabe-se que o turismo sexual está relacionado com o tráfico de mulheres e a exploração sexual de crianças e adolescentes, que são crimes no Brasil. Este problema tem preocupado estudiosos e gestores que buscam estudar e analisar o tema, que é recorrente em vários destinos turísticos, principalmente na região Nordeste, onde é mais visível. Na política, cartilhas foram elaboradas, houve ações de políticas públicas e seminários são realizados para discutir o assunto, mas, mesmo assim, o problema continua crescendo, principalmente nos estados e cidades, onde o turismo é um setor de destaque.

Além disso, destaca-se que o turista sexual utiliza praticamente a mesma infra-estrutura de outros turistas e que, freqüentemente, conta com a omissão de parte do setor turístico para realização de suas atividades. O conceito apresentado pelo CECRIA - Centro de Referência, Estudos e Ações sobre Crianças e Adolescentes na América Latina e Caribe (Oliveira, 2006, p.2) enfatiza esta omissão e cumplicidade, quando expõe que o turismo sexual é:

> (...) a exploração de meninos, meninas e adolescentes por visitantes, em geral, procedentes de países desenvolvidos ou mesmo turistas do próprio país, envolvendo a cumplicidade por ação direta ou omissão de agências de viagem e guias turísticos, hotéis, bares, lanchonetes, restaurantes e barracas de praia, garçons e porteiros, postos de gasolina, caminhoneiros e taxistas, prostíbulos e casas de massagem, além da tradicional cafetinagem.

Bem (2005) afirma que muitas formas de prostituição estão alicerçadas na pobreza e na falta de oportunidades. Assim, algumas pessoas optam por esta atividade por ser mais rentável que atuar em outras atividades, pois conseguem lucrar em apenas um final de semana, o equivalente a um mês inteiro de trabalho. O autor ainda explica que o turismo sexual é um fenômeno produzido por uma série de fatores, sendo que um deles é a exclusão social, porque a população que sofre com este problema passou a encontrar nesta prática uma forma de mobilidade social. Para Oppermann (1999), as relações entre turistas e visitados são vistas apenas como troca monetária, isto é, serviço sexual por dinheiro.

A autora Coriolano (2001) destaca que, para ocorrer o desenvolvimento tanto para a comunidade local como para o setor turístico, é necessário que sejam adotadas políticas que proporcionem trabalho para todos. Além disso, é importante que sejam implementadas

atividades planejadas, no sentido de promover a valorização do lugar e das pessoas. A falta de planejamento no setor turístico nas principais cidades onde esta atividade se destaca e a falta de políticas públicas direcionadas à comunidade local se constitui em dos fatores que impulsionam o crescimento do turismo sexual.

O ingresso no mercado da prostituição intervém em uma multiplicidade de fatores. O econômico costuma ser determinante, pois a miséria e o desemprego são problemas crônicos. Nos jovens, por exemplo, essas condições fazem com que a prostituição seja vista como "estratégia de sobrevivência". No entanto, a deserção ou expulsão dos circuitos oficiais da família e do trabalho assalariado funciona como linhas de fuga (PERLONGHER, 1987).

Para Carvalho (2003), o turismo sexual apresenta uma relação marcante com a prostituição. Muitas agências em núcleos emissivos já apresentam vídeos e catálogos de fotos sendo incluso o programa em pacotes turísticos. A prostituição é um contrato de locação, do qual o corpo da mulher é o objeto. Segundo Lagenest (1973), a prostituição é essencialmente uma mulher que aluga seu corpo para jogos sexuais, sem amor. Por isso, quando ocorre a reunião entre aluguel do corpo, jogos sexuais e ausência de amor, há prostituição.

2 – Turismo sexual e gênero

No senso comum, o turismo sexual é uma forma de comportamento normativo dos turistas estrangeiros que freqüentam as metrópoles costeiras brasileiras, em busca de parceiras, seja qual for a qualificação dessa busca. Essa definição popular é preferencialmente aplicada àqueles estrangeiros que alugam serviços de uma prostituta. É importante salientar que a simples contratação de uma prostituta maior de idade no Brasil não é considerada, por si só, em crime (SILVA, 2005).

Uma das conseqüências associadas ao turismo sexual é o tráfico de mulheres, que se constitui no deslocamento para trabalhos e serviços, dentro ou através das fronteiras nacionais, por meio de violência, abuso de autoridade, dentre outras ações (GUIMARÃES, 2002). Esse tipo de comércio possibilita o envolvimento de pessoas em redes que acabam usufruindo das atividades realizadas pela mulher, dentre as quais se destacam o trabalho

sexual forçado e a ação das agências de casamento com estrangeiros. O tráfico de mulheres se configura como um desrespeito aos direitos humanos.

> Toda definição de tráfico presume duas coisas: 1) que o traficante é um ser humano e não um Estado (o deslocamento forçado de indivíduos feito por ações governamentais nunca é considerado como tráfico); 2) o deslocamento problematizado consiste de indivíduos que são retirados de um local, tido como natural deles, e removidos para outro lugar (SILVA, 2005, p. 163)

A nova modalidade de pacote turístico, que é muito utilizada hoje, proporciona ao turista, além da passagem aérea e a estadia, o direito a uma ou várias acompanhantes no país de destino. Esses turistas são casados, em sua maioria. Por isso, exigem discrição total, hospedando-se em locais com infra-estrutura e garantia de privacidade.

O turismo sexual no Brasil utiliza-se de uma rede de relações, na qual se identifica a presença de agentes internacionais, que organizam excursões específicas, cujo destino inclui, as cidades litorâneas do Nordeste. Para Coriolano (1998), a atividade do turismo, mesmo informalmente, exerce através de seus clientes nacionais e internacionais, certa influência na configuração e organização espacial da prostituição feminina.

No turismo, o Brasil é mais explorado a partir da imagem do paraíso, numa tentativa de fazer com que o turista venha conhecer um lugar distante das dificuldades e da realidade. As imagens do paraíso são divulgadas pela publicidade, reportagens e folhetos turísticos. Segundo Araújo, em Ética e qualidade no turismo do Brasil (2003), a própria Embratur veiculou, em épocas passadas, campanhas publicitárias que vinculavam a imagem do país à de mulheres usando biquínis sumários, que possibilitaram, mesmo que de forma indireta, a prática do turismo sexual.

Essa divulgação, de certa forma, contribuiu para a entrada do Brasil na lista dos países que faziam parte da rota do turismo sexual no mundo, como a Tailândia, Filipinas, Costa Rica, Cuba, dentre outros. Mesmo assim, o Brasil ainda não está incluso oficialmente nos roteiros de turismo sexual, mas alguns estados já se figuram como pólos de atração para o turista estrangeiro que pretende viver esta forma de aventura.

Segundo Sardenberg e Dias Filho (1998), há dois tipos de turistas sexuais: os que se interessam por crianças e adolescentes, e um outro que não faz distinção de idade. Outro fator que contribui para a existência desse segmento é que, historicamente, a mulher

ocupou uma posição subordinada em relação aos homens, estando em situação de desvantagem no mercado de trabalho. Isso também está relacionado ao fato de a mulher não ter o direito de "desejar", sendo construída como "objeto de desejo" dos homens.

Os serviços sexuais são oferecidos através de intermediários. Há as mulheres que podem ser encontradas nas boates e cabarés, mas também muitas se interessam em participar dessa atividade turística para receber moedas fortes. Dentre elas, estão as empregadas domésticas, e até mesmo estudantes, que estão dispostas a "namorar" turistas estrangeiros. Essas garotas sonham com o príncipe encantado, esperando que esses homens levem-nas para viver no "Primeiro Mundo".

Para Sacramento, em O perfil feminino na obra de José Lins do Rego: Opressão e discernimento (2001), a construção das imagens femininas prende-se quase sempre, a pares dicotômicos simplistas, ora elevando, ora rebaixando. Quando diminuída é colocada próxima à natureza, negando-se-lhe o estatuto cultural, prerrogativa única do homem. Assim é que para muitos a mulher é a eterna encarnação da Eva tentadora e corruptora. (MOTTA *apud* SACRAMENTO:2001, p. 75).

O crescimento do turismo e as implicações de gênero devem-se também a propagação da cultura de consumo. Filmes e espetáculos televisivos são importados dos maiores centros industriais do mundo e, além disso, os turistas se espalham a procura de locais exóticos a partir desses mesmos centros urbanos, que são Estados Unidos, Japão e outros gigantes industriais. O resultado disso é o surgimento de contrastes dramáticos de estilo e aparência regionais.

Em relação à mídia, não há evidências de que os filmes e programas realmente desafiem os padrões de gênero. O que ocorre, na verdade, são as formas diferenciadas de apresentação das imagens corporais. A cultura ocidental, por exemplo, reforça que o papel da mulher deve ser atraente, e os filmes ou programas apenas destacam esta característica.

A personagem Bebel da novela Paraíso Tropical da Rede Globo, interpretada pela atriz Camila Pitanga, demonstrou este posicionamento, de que a mídia reforça o papel da mulher sensual. Ela interpretou uma prostituta que acabou conquistando o público, pois a forma que se vestia se tornou moda, além do modo como falava ser repetido nas ruas.

Já o turismo trouxe algumas conseqüências diretas, principalmente porque um grande número de mulheres se envolveu no comércio sexual em áreas turísticas. Em 1970,

viajantes masculinos representavam 70% dos turistas da Tailândia, que chegavam ao destino interessados no turismo sexual. Esse padrão teve início com o retorno dos soldados convocados para o Vietnã que se estendeu por excursões organizadas no Japão e Coréia. Isso provocou mudanças no comportamento das tailandesas que se envolveram no comércio sexual e adquiriram novos hábitos em relação à bebida. Mulheres gregas oriundas da área rural e envolvidas pelo comércio turístico nas ilhas Aegean passaram a beber com mais liberdade do que as irmãs que ficaram em casa,e adotaram um leque maior de interesses de lazer (STEARNS, 2007).

Para o autor, inovações também ocorreram em relação ao sexo masculino, pois alguns homens jamaicanos passaram a se especializar no turismo romântico, que era organizado nos Estados Unidos ou Europa, voltado para as mulheres. Eles adotaram uma forma de se vestir e cortar os cabelos diferenciada. Ter casos com mulheres estrangeiras significa "tornar-se estrangeiro".

Visto isso, o turismo proporciona uma alteração nos relacionamentos de gênero, permitindo um certo ganho para as mulheres. Em alguns países, elas se dedicam ao artesanato, dirigem pousadas ou hotéis, conseguem trabalho nas áreas de *resort*, o que ajuda na sua condição econômica. Nas Filipinas, mais especificamente nos *resorts*, algumas mulheres permanecem solteiras para trabalhar no comércio sexual ou serem apenas camareiras, cantoras ou recepcionistas.

Mesmo com essas mudanças de comportamento das mulheres quando se trata da atividade turística, ela acaba reforçando os papéis de gênero locais. As mulheres são vistas como pessoas para servir, produzir artesanato ou apenas como atrativos sexuais. Não há revolução na divisão sexual de trabalho.

Considerações finais

Apesar de o turismo proporcionar conseqüências em algumas localidades, a atividade não altera os padrões locais de gênero, mesmo divulgando novos modelos de interação entre o homem e a mulher. Além disso, o turismo favorece várias mudanças, como, por exemplo, impacto econômico, mas, mesmo assim os padrões de gênero tradicionais se perpetuam.

Uma das conseqüências diretas da presença do turismo é o envolvimento de um grande número de mulheres no turismo sexual. Na Tailândia, por exemplo, muitas mulheres adquiriram novos hábitos com relação à bebida. Já na Grécia, elas também passaram a consumir bebidas alcoólicas com mais liberdade, e ainda adotaram estilos mais urbanos de se vestir e se cuidar, como, por exemplo, depilar pernas e axilas.

Com isso, a presença do turismo pode alterar os relacionamentos de gênero, proporcionando oportunidades para as mulheres, como o trabalho com o artesanato, direção de pequenos hotéis e até mesmo as que são ligadas com o comércio sexual. No que se trata dos padrões locais de gênero, a atividade turística não provoca alterações, apesar de ocorrer a interação entre os turistas de ambos os sexos.

A preservação desses padrões funciona como um antídoto ao *status* de subordinação que homens e mulheres precisam aceitar para se relacionar com os estrangeiros. Então, o turismo não corrompe, ao contrário, reforça, principalmente na questão econômica os papéis de gênero locais. As mulheres são vistas para servir, pois o trabalho na indústria do turismo não altera as tarefas domésticas.

Referências

ARAUJO, Cíntia Moller. *Ética e qualidade no turismo do Brasil*. São Paulo: Atlas, 2003.

CARVALHO, Rodrigo José Vieira. *Turismo sexual: a transmutação do espaço e do sentimento do turismo*. Disponível em: http//www.estudosturisticos.com.Br/. Acesso em 11 de out. 2004.

BEM, Arim Soares do. *A dialética do turismo sexual*. Campinas: Papirus, 2005.

CORIOLANO, Luzia Neide Menezes Teixeira. *Turismo com ética*. Fortaleza: UECE, 1998.

GUIMARÃES, Maria José Bacelar. *"Empresário procura mulher jovem,morena, bonita, liberal..."explorando os anúncios de estrangeiros*. Salvador: EDUFBA, 2002.

LAGENEST, J.P Barruel de. *Mulheres em leilão: Um estudo da prostituição no Brasil*. Petrópolis: Ed. Vozes, 1973.

OPPERMAN, Martin. *Sex tourism*. Annals of tourism research. Nova Iorque, Elvesier Foundation, v. 26, n.2, 1999, p. 251-266.

OLIVEIRA, Marcus Vinícius Amorim de. *Turismo sexual no Ceará*. Associação Cearense do Ministério Público. Disponível em http://www.acmpce.org.br/docs/turismosexualnoceara.doc. Acesso em 28 fevereiro/2006.

OURIQUES, Helton Ricardo. *A produção do turismo*: fetichismo e dependência. Campinas, SP: Alínea, 2005.

PERLONGHER, Néstor Osvaldo. *O negócio do michê: prostituição viril em São Paulo*. São Paulo: Brasiliense, 1987.

SACRAMENTO, Sandra Maria Pereira do. *O perfil feminino na obra de José Lins do Rego: Opressão e discernimento*. São Paulo: Ed. 1. Editora Cone Sul, 2001.

SADENBERG. M. B, Cecília; DIAS FILHO, Antonio Jonas. *O que é que a Bahia tem:* O outro lado do turismo em Salvador. Salvador: CHAME, 1998.

STEARNS, Peter N. História das relações de gênero. São Paulo: Contexto, 2007.

SILVA, Ana Paula da and Blanchette, Thaddeus *"Nossa Senhora da Help":* sexo, turismo e deslocamento transnacional em Copacabana. *Cadernos Pagu*, dez 2005, n°.25, p.249-280.